

## O QUE É IDEIA

G. W. LEIBNIZ

(prov. no outono de 1677)

TRADUÇÃO DE GUILHERME IVO \*

**A**ntes de tudo, pelo nome de IDEIA entendemos *algo que está em nossa mente*, logo vestígios impressos no cérebro não são ideias, pois tenho por certo que a Mente é outra coisa que não o cérebro ou substâncias sutis que fazem parte do cérebro.

Em nossa mente há, no entanto, muitas coisas; por causa de exemplo, há pensamentos, percepções, afetos, que admitimos não serem ideias, ainda que não se façam sem ideias. Para nós, então, a Ideia *consiste, não num ato qualquer do pensamento, mas numa faculdade*, e dizemos ter a ideia duma coisa, ainda que esta não conheçamos, desde que em dada ocasião possamos pensar sobre ela.

Nisso, contudo, há certa dificuldade, pois temos a remota faculdade de pensar sobre todas as coisas, mesmo aquelas de que talvez não tenhamos ideias, já que temos a faculdade de as receber. A Ideia, portanto, exige *certa faculdade próxima, ou facilidade, de pensar sobre uma coisa*.

Mas isso também não basta, pois quem tem um método que, caso seguido, pode chegar numa coisa, não é por conta disto que terá a ideia dela. É como se eu ordenadamente enumerasse as seções do Cone, e decerto me virão em conhecimento as Hipérboles opostas, embora eu ainda não tenha a ideia delas. Logo, é necessário haver algo em mim, *que não apenas conduza à coisa, mas também a exprima*.

Dizemos *exprimir* alguma coisa aquilo em que se tem compleições que correspondam às compleições da coisa que há de ser expressa. Mas tais expressões são variadas; por exemplo, o módulo da Máquina exprime a própria máquina, o desenho em perspectiva de uma coisa num plano exprime um sólido, um discurso exprime pensamentos e verdades; caracteres exprimem números, uma equação Algébrica exprime um círculo ou uma outra figura; e o que há de comum entre essas expressões é que podemos, apenas pela contemplação da compleição do exprimente, chegar ao conhecimento das propriedades correspondentes à coisa que há de ser expressa. Donde se fica evidente não ser necessário, àquilo que exprime, que ele seja semelhante à coisa exprimida, desde que se conserve alguma analogia entre as compleições.<sup>1</sup>

---

\* Atualmente mestrando em filosofia no Ifch-Unicamp, sob orientação de Luiz Benedicto Lacerda Orlandi, trabalhando a respeito das conexões entre a filosofia deleuzeana e a literatura anglo-americana.

<sup>1</sup> Nota da trad.: “Compleição”, neste parágrafo, traduz *habitus*. Trata-se do sentido antigo desta palavra latina, cuja linha linguística pode ser traçada a partir do grego *σχέσις*, o aspecto de algo, o hábito de um corpo, aquilo pelo qual se dispõe uma coisa ou uma ideia. Poder-se-ia traduzir *habitus* por “relação” (como na tr. ingl. de Leroy E. Loemker: *What is an Idea?* in Leibniz, *Philosophical Papers and Letters*. 2ª ed. Dordrecht/Boston: D. Reidel, 1976, pp. 207-208), seja por sua origem grega (*σχέσις* deriva pr’este sentido), seja porque Leibniz parece traduzi-lo, p. ex., na carta de 9 de out. de 1687 a A. Arnauld (“Une chose *exprime* une autre (dans mon langage) lorsqu’il y a un rapport constant et réglé entre ce qui se peut dire de l’une et de l’autre”), mas antes seria preciso explicar-se a respeito de outro termo latino, *relatio*, que igualmente exigiria ser transposto por “relação”, como também a respeito das dificuldades de tradução do termo francês *rapport*, e sua conexão com *habitus*, pois não é claro que “relação” baste para tanto; e não seria prudente, de toda maneira, perder o sentido de *habitus* como o aspecto ou a disposição (o hábito mesmo) de alguma coisa, embora não se pretenda fazer da “compleição” uma solução impecável.

Fica-se também evidente que algumas expressões têm fundamento na natureza, ao passo que outras, ao menos parcialmente, fundam-se no arbítrio, como é o caso das expressões que se fazem por sons de voz ou por caracteres. As que são fundadas na natureza, ou exigem alguma semelhança, tal como há entre um círculo grande e um pequeno, ou entre uma região e o mapa geográfico desta região; ou então, pelo menos, alguma conexão, tal como há entre um círculo e a elipse que o representa óticamente, pois cada ponto que se queira da elipse, segundo certa lei, corresponde a algum ponto do círculo. E ainda, o círculo é mal representado, neste caso, se o fôr por outra figura semelhante. Outrossim, todo efeito integral representa a causa plena, pois sempre posso, do conhecimento deste efeito, devir em conhecimento de sua causa. Destarte, os feitos de alguém representam seu ânimo, e o próprio Mundo, de certo modo, representa Deus; pode também acontecer que se exprimam mutuamente coisas oriundas de mesma causa, o gesto e a fala, como exemplo. Destarte, certos surdos que entendem os que falam, não a partir do som, mas do movimento da boca.

E destarte, que a Ideia das coisas está em nós, isso nada quer dizer senão que Deus, autor tanto das coisas como da mente, tenha imprimido na mente uma faculdade de pensar que pudesse conduzir, de suas operações, tudo quanto corresponde perfeitamente ao que se segue das coisas. Assim é que, embora a ideia do círculo não seja semelhante ao círculo, dela se podem tirar verdades que, sem dúvida, seriam confirmadas com a experiência no círculo verdadeiro.

